

Creio que todo mundo já deve ter percebido que há pessoas diferentes das outras. As “outras”, para nós, são incógnitas que andam pelo mundo, alheias a nós, ao que somos, e que nos fazem desconhecer quem elas são. Por vezes não as conhecemos e não temos interesse de ir a fundo, por mais que tentemos uma amizade. No ambiente de trabalho, conversas até podem acontecer, mas são sempre todas mais sérias, e que mantêm essas pessoas afastadas de nós.

Já as pessoas diferentes destas, as que têm um brilho especial, que se aproximam de nós, acabam gerando uma espécie de empatia. Conseguimos conversar com essas pessoas, ajudamo-nos uns aos outros, temos paciência e tudo mais que se resguarda em uma amizade.

No entanto, mesmo dentre essas pessoas que brilham há aquelas que têm algo de especial, algo que as destaca. E queira admitir ou não, você sempre percebeu isso desde o início, desde a primeira vez que viu a pessoa, você sentiu, achou, percebeu que ela tinha algo de diferente.

E o engraçado é que justo com elas, com a mínima palavra pronunciada você já tem uma brincadeira e os dois já estão rindo. E curiosamente ela também é a pessoa que, em menos tempo, mais se abriu para você em relação ao modo que as outras pessoas também o fizeram.

É normal que as duas pessoas envolvidas nisso fiquem assustadas com tamanho acontecimento inesperado e inigualável perante as leis do cotidiano estressante das pessoas deste mundo. E como qualquer animal acuado, procuramos nos defender, nos resguardar, pois nos sentimos em sensação de ameaça. Para nossas defesas ainda selvagens, precisamos ver se isso não ameaça nada em nossa vida.

Por isso criamos barreiras.

Barreiras para que o que nos ameaça não nos atinja o que é valioso, o que é precioso. Não

barreiras que chegam a nos fechar, mas pequenos obstáculos que quebrariam as pernas de qualquer fera incumbida de intenções malévolas.

Mas não adianta.

Basta seguir com a convivência, com as poucas palavras e muitas risadas, baseadas na felicidade que constitui as forças universais de criação, que nós mesmos baixamos essa barreira, pois vemos que nela não há significado.

Não há nada a ser ameaçado, considerando os limites e aproveitamento do momento.

E então... O aproveitamento do momento. As pessoas pouco sabem o que é isso, porque ou estão tensas ou aflitas durante os mesmos momentos bons que serviriam de respaldo, e ainda que mesmo após passados momentos de tensão, entristecem-se por recordar o fato de que o momento passou, mas não recordam o bom sentimento que ali havia no momento.

O mesmo vale para quando essas pessoas especiais distanciam-se de nós. Aliás, por curiosidade, se formos recordar as melhores pessoas duraram um tempo inversamente proporcional em nossas vidas. Por que seria? Talvez a espiritualidade explique.

Poucos amigos podem perceber, no entanto, que há bons pontos nessa breve companhia. Conhecemos uma pessoa que marca nossas vidas, alegre nossos dias e nos dá razões para viver. E também, ao nos abandonar, nos deixa boas lembranças, visto que são raríssimas, até nulas a meu ver as vezes em que temos um astral ruim com essas pessoas.

Elas se afastam de nós, mas com tudo limpo, todos os caminhos em um astral elevado, e em um encontro futuro não haveria nenhum problema a ser resolvido.

Enquanto encarnados nesse mundo somos mais suscetíveis à falhas que no mundo espiritual. Já pensou que, guiados por algum inimigo, pudéssemos estragar a companhia de tão

maravilhosas pessoas? Graças a Deus que temos nossos guias por perto para nos proteger até nesses momentos.

E caso formos reparar, também já vivemos com pessoas especiais, mas que tinham algo peculiar. Alguma coisa entre nós não costuma dar certo. Creio que todos que estão lendo já passaram por isso.

O que um fala, o outro tenta entender, tenta assimilar, mas não cai tão bem. E o mesmo vale inversamente. Talvez haja até momentos em que tenha conflito de valores, mas as pessoas sentem necessidade de ficar próximas. Há algum tipo de ligação que as mantém unidas, elas se sentem bem enquanto juntas, mas não conseguem se comunicar apropriadamente.

E também creio que haja uma explicação na espiritualidade quanto a isso.

Já percebi também que é normal entre os círculos de amizade, e na sociedade em si associar-se um estado de tristeza à paixão. Ligando os pontos, não seria mais lógico a pessoa se sentir feliz por estar apaixonado? Encontrou alguém que vale a pena amar, aproveitar diferentes momentos, ter o dia iluminado e uma razão para viver.

Isso é cicatriz das marcas pessimistas que temos em nosso modo de pensar e de agir, e que foram deixadas com o passar dos tempos. Ficamos tristes, pois entramos em um estado de aflição e de stress por não partilhar de ditos momentos com a pessoa. No entanto, nos livros os espíritos dizem que a tristeza é deletéria, e a felicidade e o amor são forças criativas.

Temos de erguer a cabeça e aproveitar a felicidade que pode nos ser proporcionada em dados momentos, manter as boas lembranças e procurar sempre lembrar o grande tempo que nos resta pela eternidade, e que com a calma é possível contornar qualquer situação de atrito.

Com a felicidade podemos ver caminhos que antes estavam embaçados pelas lágrimas em nossa visão.

Douglas Renosto Lins 23-11-10.

Se puder explicar e contribuir aqui Luiz, eu agradeceria...

Nós nunca compreenderemos o que o mundo espiritual nos reserva quanto à relação com as outras pessoas. Muitas vezes as pessoas aparecem em nossa vida por apenas alguns minutos ou horas para nos lembrar de algo que necessitamos fazer. Depois disso desaparecem de nossas vistas e nunca mais as vemos.

Não podemos observar as nossas relações interpessoais apenas do lado da encarnação presente. Temos que nos habituar a considerar as múltiplas facetas das encarnações diversas que tivemos. Isso nos levará, positivamente, a conhecer o nosso eu e as relações que possuímos com milhares de seres que podem nos parecer desconhecidos, mas que são, em verdade, seres que já conviveram conosco em outras eras.

Ademais, Deus nos coloca no lugar onde devemos estar, com os amigos e familiares que devemos ter, com o trabalho que necessitamos desenvolver, com a missão que devemos cumprir, com os objetivos que devemos alcançar.

Na evolução dos Espíritos rumo a Deus, tudo se encaixa, tudo se completa.

O que temos a fazer é contemporizar com os que não conseguem nos entender, abrir nosso coração com os que nos compreendem, mas, acima de tudo, devemos amar incondicionalmente a todos, pois, somos, em verdade, Espíritos que palmilham a mesma estrada rumo à perfeição.

(Luiz Marini). 25-11-10.